



DIALOGUS IN PAULO REGLUS FREIRE: A DIALOGICIDADE FREIREANA COMO PRÁXIS DE RESISTÊNCIA EDUCACIONAL LIBERTADORA NA CONTEMPORANEIDADE

Eixo 06 - Educação e Comunicação, cotidianos e práticas de resistências comuns em Paulo Freire

Oberdan da Silva de Andrade (UNIT/SE) - oberdandrade@gmail.com ¹

Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento (UNIT/SE) - esterfraga@gmail.com ²

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de analisar através dos postulados da pedagogia freireana os princípios da ação dialógica como fator de resistência libertadora à luz da (trans)formação da consciência humana nos espaços de ensino e aprendizagem contemporâneos. Embasado nos pressupostos da abordagem qualitativa, optou-se como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica e revisão da literatura existente, tomando como fontes as publicações pedagógicas de Paulo Freire. O referencial teórico-metodológico foi ancorado em Ana Freire (2021); Moacir Gadotti (2002) e Ira Shor (2021), estudiosos que conviveram com o sujeito da pesquisa e, trouxeram à luz a discussão e contextualização da dialogicidade freireana atentando para a formação, transformação e reconhecimento dos cidadãos enquanto seres autônomos, resistentes e libertários. Os resultados apontaram que o diálogo, visto como uma condição intrínseca à espécie humana, contribui significativamente para a prática de resistências e conscientização de ações solidárias com vistas à vivência da fraternidade, empatia e respeito ao outro.

Palavras-chave: Educação; Dialogicidade Freireana; Resistência Libertadora.

ABSTRACT

The general objective of this study is to analyze, through the postulates of Freire's pedagogy, the principles of dialogic action as a factor of liberating resistance in the light of the (trans)formation of human consciousness in contemporary teaching and learning spaces.

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes – UNIT/SE. É Mestre em Educação pela Universidade de Pernambuco /UPE e em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias de Lisboa/Portugal. Graduado em Letras (UPE) e em Pedagogia (Unifcv). É Professor e Diretor Escolar da rede pública do ensino básico no Estado de Pernambuco. É membro do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais - GPHPE/UNIT/CNPq. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1062309920702252>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3403-7253>.

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil (PUC/SP). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) Bolsista de Produtividade em Educação pelo CNPq, desde 2012. Professora da Graduação e do PPED/Universidade Tiradentes. Líder do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais - GPHPE/UNIT/CNPq. Membro da Academia Sergipana de Letras e da Academia Sergipana de Educação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5387293048319734>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-4050-767X>.



Based on the assumptions of the qualitative approach, bibliographic research and review of the existing literature were chosen as a methodological procedure, taking Paulo Freire's pedagogical publications as sources, instituted between the years 1980 to 2021. The theoretical-methodological framework was anchored in Ana Freire (2021); Moacir Gadotti (2002) e Ira Shor (2021), scholars who lived with this author and brought to light the discussion and contextualization of Freire's dialogicity, paying attention to the formation, transformation and recognition of citizens as autonomous, resistant and libertarian. The results showed that 'dialogue', seen as an intrinsic condition of the human species, significantly contributes to the practice of resistance and awareness of solidarity actions with a view to experiencing fraternity, empathy and respect for others.

KEYWORDS: Education; Freirean dialogue; Liberating Resistance.

1. Introdução

Este estudo objetiva analisar a *práxis* pedagógica à luz da dialogicidade nos postulados do educador Paulo Freire, enquanto elemento essencial para a resistência das práticas libertárias nos espaços de aprendizagem. O interesse por esta investigação surgiu mediante o entendimento de que com o advento de um mundo cada vez mais globalizado, onde os múltiplos meios de comunicação e espaços de aprendizagens estão cada vez mais rápidos e acessíveis aos estudantes, apresentando inúmeras oportunidades de interação, mesmo assim, é perceptível o quanto as conexões dialógicas tendenciam a se fragilizarem e tornarem-se dispersas, sendo preciso pensar no diálogo como um dos sustentáculos fundamentais para uma aprendizagem significativa nos espaços de ensino, sendo este um dos objetos de estudo mais significativo para compreendermos a pedagogia freireana.

Sob esse prisma, compreendemos que a problematização da realidade educacional pressupõe ações dialógicas como matrizes de aprendizagem nos âmbitos da ação e da reflexão, contribuindo significativamente para a prática de resistências e conscientização de ações solidárias com vistas à vivência da fraternidade, empatia e respeito ao outro. Conhecedores desta realidade, partimos do pressuposto hipotético de que a efetividade dialógica favorece práticas de resistências libertárias para um eficaz ensino significativo nos espaços formais e informais de aprendizagem.

Sendo assim, elaboramos o seguinte questionamento: tendo em vista a atual conjuntura que nos remete a um mundo cada vez mais indiferente para com as práticas comunicativas e de interação afetiva entre os seres humanos, é possível trazer para o bojo da *práxis* educativa



contemporânea ações de resistência liberadora mediada pelos princípios dialógicos da pedagogia freireana?

Com vistas a obter respostas às nossas inquietações, o método qualitativo pelo viés da pesquisa bibliográfica foi o escolhido para estruturar e direcionar este estudo, buscando tecer informações em diversificados subsídios da literatura existente que dialogavam com a temática acerca dos pressupostos da dialogicidade presente nas obras de Paulo Freire.

Para este fim, é conivente destacar que esta proposta de investigação se embasou nos estudos de Ana Freire (2021), Moacir Gadotti (2002) e, Ira Shor (1986), os quais conviveram com o sujeito pesquisado e se dedicaram a propagar de forma densa os preceitos estabelecidos pela pedagogia em Freire.

Como dinâmica para exposição deste artigo o organizamos em cinco partes, de acordo com a seguinte ordem: esta parte introdutória, com a apresentação do objeto da investigação, as questões e objetivos do estudo e as justificativas que moveram a produção deste trabalho; três seções, assim estruturadas:

Nesta seção, intitulada de *Dialogus in Freire: Aspectos introdutórios*, concentramo-nos na recuperação da trajetória histórica de alguns conceitos importantes acerca do diálogo com vistas à compreensão de forma holística para com os pressupostos dialógicos instituídos pela pedagogia freireana.

Na segunda seção, denominada de *A Dialogicidade Freireana na práxis escolar*, buscamos refletir a importância do diálogo como prática da liberdade e da promoção reflexão, da autonomia e da criticidade nos ambientes de aprendizagens.

Na terceira seção, nomeada de *O pensamento dialógico freireano à luz da contemporaneidade!*, buscamos refletir acerca da dialogicidade freireana enquanto processo para a humanização, valorização das diferenças e a resolução de problemas na atualidade.

Na última parte, submetemos as reflexões acerca das considerações finais deste estudo.

2. *Dialogus in Freire: Aspectos introdutórios*

A palavra diálogo, conforme dita os dicionários etimológicos, provém do latim ‘*dialogus*’, que prediz na concretização da ação humana através da conversa ou entendimento mútuo ou recíproco entre as pessoas, na troca de ideias e/ou pontos de vistas das mesmas.



Nesse ponto, atentamos que desde os primórdios da Pedagogia o temário em torno dos preceitos e pressupostos em torno da importância da dialogicidade tem sido objeto de estudo através dos tempos. É só lembrarmos que o filósofo Sócrates já afirmava na Grécia antiga que o diálogo conduzia o indivíduo ao autoconhecimento, afirmação esta, ratificada por Aristóteles que asseverava que “a dialética é um modo de conhecer e conciliar os sentimentos com a razão” (PAGNI, 2007, p. 79), e desse modo, já sinalizava para uma *práxis* enquanto elemento norteador para as práticas discursivas nos espaços de aprendizagens.

Não obstante, o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, salienta que “a sociedade e o indivíduo se constituem reciprocamente por meio do agir comunicativo” (HABERMAS, 1998, p. 187), enquanto elemento essencial para a interação social mediada por posturas de resistências para uma eficaz conduta libertária, o que nos faz compreender que “o diálogo *freireano* recupera e recria na sociedade atual o melhor das contribuições clássicas gregas, indus e de outras culturas” (FREIRE, 2021, p. 65), incluindo nestas concepções o apolíneo e o Dionísio, como forma de destacar nas práticas dialógicas a beleza do bom enquanto essência humana.

Em virtude o exposto, podemos constatar então que “a dialogicidade é uma exigência da natureza humana” (FREIRE, 2001, p. 54), uma vez que sem ela não há comunicação, e como tal deve ser entendida como algo que faz parte da própria natureza dos seres humanos.

Por este íterim, Paulo Freire intensificou a temática do diálogo como fator de reconstrução para uma eficiente e concreta consciência humanitária para com o próximo, na certeza de que “o diálogo se dá entre iguais e diferentes, nunca entre antagônicos” (FREIRE; GADOTTI; GUIMARAES, 1995, p. 28), ou seja, ele atenta minuciosamente para a reflexão que fortalece o entendimento sistematizado dos preceitos da dialogicidade e nos faz refletir acerca desta necessidade como uma eficaz prática de resistência libertadora.

Nesse sentido, com uma pedagogia calcada no favorecimento da libertação dos povos oprimidos, Freire soube orquestrar com maestria a proposição de uma prática de resistência humanizadora mediada pelo diálogo, uma vez que para este educador,

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 2015, p. 42).



Sendo assim, segundo Gadotti (2002, p. 21), “Paulo Freire é um dialético”, e isso fica constatado pela defesa de suas convicções de que o diálogo possui um importante e fundamental papel na conscientização das relações para com o próximo, afinal, é no diálogo que a compreensão, conscientização, humanização e transformação dos indivíduos se concretizam, pois homens e mulheres tendem a se conscientizarem quando há uma dialética unida entre o homem e o mundo.

Logo, é necessário que a luta pela transformação do mundo que tanto nos desumaniza, esteja calcada na educação libertadora como forma de voltar-se para a afirmação de seres humanos capazes de transformar ideias em ações, ou seja, precisamos possibilitar a reescritura do mundo, para só assim, conseguirmos dar um passo para o processo de mudança libertadora da qual tanto almejamos, através de uma ação real, denunciadora, captada e expressada por meio da dialética que é capaz de sobretudo transformar a sociedade em que vivemos.

É nesse contingente que a dialogicidade crítica inserida na *práxis* como processo de resistência e esclarecimento da realidade é transformadora. Eis o porquê da pedagogia freiriana ainda representar uma alternativa teoricamente renovada e politicamente viável: Paulo Freire representa o símbolo da realidade imperando a síntese da possibilidade de mudança global através da prática educativa, cabendo a ela a tarefa de participar do trabalho de criação das pessoas para serem agentes críticos e criativos de seu próprio mundo social, sujeitos de sua vida e atores de sua história.

Por tudo isso, Paulo Freire não se desviou. Esteve sempre conectado no mundo e denunciou, junto com o povo, o centralismo como uma atitude amarga, o império da globalização neoliberal como uma ideologia de pensamento único e o sectarismo, como forma de falsificação da realidade, atentando veementemente que “o homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado” (FREIRE, 2003, p. 80), logo, sendo preciso resistir mediante a arma da dialética para dirimir situações tal como estas.

Interessante ressaltar que Paulo Freire soube enveredar com sua dialética por outras veredas, indo muito mais além, denunciando também a perversidade do capitalismo, controlado pelo poder hegemônico da cultura da qual nos tira o direito da palavra e impõe a lei do silêncio, e desse modo, nos ensinou que “o diálogo deve ser visto como o encontro dos



homens para a tarefa comum de saber agir” (FREIRE, 2003, p. 63), denunciando uma sociedade dramaticamente em trânsito da rigidez estática, da impermeabilidade e do autoritarismo, que produz uma cultura alienada, enganadora, falsa, antiarbitrária, não resultante da vida cotidiana e da experiência histórica dos subalternos, dos oprimidos e dos excluídos.

Paulo Freire atentou também para as questões de foro político, nos lembrando que não existe seres *a-políticos*, sabendo “combinar temas cristãos e marxistas na sua pedagogia dialético-dialógica” (GADOTTI, 2002, p. 87), pois a política é uma constante e é capaz de desempenhar seu papel quando sistematizada por uma pessoa comprometida com seu povo.

Alertou acerca da realidade da desconexão de nossa Educação brasileira como um todo que é verbalista e acrítica, onde só através de uma natureza política-educacional voltada para o povo, baseada em uma atitude democrática, permeável e plástica, infiltrada em um mundo que forme e transforme a mente humana, é que poderemos nos libertar da opressão, exploração e exclusão social, superando a desumanização e alcançando a liberdade ética e autônoma. Também defendeu a reforma agrária, afinal, conforme seu entendimento, ela deveria ser um processo de desenvolvimento do qual resultasse necessariamente a modernização dos campos.

Atentou para a diversidade humana, afirmando que é através dela que a cultura está inserida em todas as esferas da sociedade, sendo assim, ela seria a parte fundadora da política social, logo, seríamos seres humanos no mundo e com o mundo, capazes de pensar certo e na hora certa, diminuindo a distância entre o que dizemos e o que fazemos, e para que isso acontecesse, seria preciso sermos esperançosos, pois a esperança é um imperativo existencial e histórico, sem ela a própria história se torna inviável e infundada.

É preciso sonho, utopia e um projeto que traceje a qualidade de *ser* do *ser* humano calcado pelo espírito da solidariedade e humildade, uma vez que,

A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito para caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que em comunhão, buscam saber mais (FREIRE, 2003, p. 71).

Por tudo isso, o que se apresenta como fundamental na relação do ser humano é a qualidade do diálogo. Um diálogo capaz de promover posturas rebeldes em posturas



revolucionárias como forma de progredir e resistir radicalmente na transformação do mundo, rejeitando qualquer forma de desumanização e autoritarismo.

Para que estas situações se concretizem, Paulo Freire orienta que é preciso primordialmente lutarmos por uma dialética no âmbito educacional de forma conjunta, coletiva, participativa, transformadora e libertária, tendo o diálogo como parte da resistência existencial dos educandos e educadores, assunto este, que será discutido na próxima seção.

3. A Dialogicidade Freireana na *práxis* escolar

De acordo com o Patrono da Educação Brasileira, “o diálogo é parte integrante da ação que visa libertar o homem” (FREIRE, 2023, p. 28) e, desse modo, esse homem é um ser da *práxis*, cuja ação e reflexão tende a transformar e reinventar os espaços de aprendizagem.

Nesse ponto, Freire utilizou-se do diálogo como sua norma de vida. Eis seu primeiro ensinamento: alicerçar a necessidade da unidade dialética da teoria junto com a prática na construção de uma proposta democrática pedagógica, onde sem ela, a prática e resistência autêntica, revolucionária e libertadora se tornaria imprecisa, infundada e sem embasamento, afinal:

O diálogo é a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum de conhecer e reconhecer o objeto de estudo. Então, em vez de transferir o conhecimento estaticamente, como se fosse uma posse fixa do professor, o diálogo requer uma aproximação dinâmica na direção do objeto (SHOR, 2021, p. 58).

Sendo assim, a ação dialética no âmbito escolar deve ser um princípio e a matriz democrática na qual devemos seguir e lutar para que a violência do antidiálogo não venha impor ao homem mutismo e passividade. Para isso o ser humano deveria combater os atos impositórios e impetuosos e aceitar o exercício da afirmação da resistência à liberdade humana através da partilha de um mundo novo sem opressão ou indignação.

Por este íterim, Freire alertava que a ação educativa deve ser democrática e participativa, sinalizando veementemente de que “o diálogo e a análise sobre a prática a respeito da vida cotidiana nos propiciam a exposição plena da Boniteza, já que são complementos indispensáveis” (FREIRE, 2021 p. 77), ou seja, seria preciso dirimir o distanciamento entre o discurso e a prática da dialética nos espaços de aprendizagens.

Para isso, cabe a Educação o dever de pôr a própria prática da liberdade em vigor, centralizada em uma consciência clara de que a construção de uma sociedade deve ser



baseada na justiça social e levantada a partir do papel educativo, norteado nos princípios da humanização, da democracia e da criatividade.

É aqui que o processo educacional toma a sua posição como um agente de transformação: Paulo Freire afirmava que estudar é uma forma de reinventar, de criar e de reescrever, ela é a prática viva da realidade, onde dá ao povo instrumentos para optar e agir,.

Nesse caso, a escola difundida pelos princípios freireanos só seria possível se persistisse lutar por uma sociedade justa, solidária, digna e feliz e substancialmente democrática, inserida na realidade, conectados em uma pedagogia utópica a serviço da libertação dos oprimidos, que não se faz e refaz na prática social, mas que se implica na dialetização da denúncia e do anúncio acarretado no desmembramento da sociedade já dicotomicamente dividida entre: povo e elite; patrões e empregados; ricos e pobres; civilizados e selvagens; eruditos e iletrados; dominantes e dominados.

Depreende-se assim que Freire lutou constantemente contra essas dicotomias, colocando as práticas dialógicas para propagar ensinamentos que levassem os educadores, educandos, comunidade e familiares a repensarem o seu cotidiano, afinal,

O diálogo freireano nas aulas, nas ruas e na família permite recuperar a união entre ambas as dimensões e recriar, assim, a ilusão nas transformações de nossa vida e da vida das demais pessoas, incluindo as instituições que as condicionam e, às vezes, as determinam (FREIRE, 2021, p. 65).

Primando por sua tenacidade na área educacional, chegou a criar seu próprio método de ensino, fundamentado em “palavras geradoras” que consistia inicialmente pelo levantamento do universo vocabular dos alunos, onde o pensamento e a linguagem se dariam a partir da realidade concreta do aluno, e desta forma, tenderiam a promover a conscientização acerca dos problemas cotidianos, a compreensão do mundo e o conhecimento da realidade social, estimulando a capacidade crítica do aluno e contribuindo significativamente para ajudar os não-letrados a terem uma vida mais digna, concreta, participativa e feliz.

Sob este ponto de vista, não se pode negar que Freire sempre esteve ciente de que deveríamos reverter o quadro de analfabetos brasileiros, e para este fim, acreditava que as ações dialéticas se tornam essenciais para a mudança desta situação, nos ensinando que,

Para pôr o diálogo em prática, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber, deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é



um homem perdido, fora da realidade, mas alguém que tem toda uma experiência de vida e por isso também é portador de um saber (GADOTTI, 2002, p. 45).

Foi nesta conjuntura que Freire mereceu mérito ao abrir os nossos olhos para o combate contra a denominada educação bancária, nos presenteando com uma educação libertadora, segura, expressa com estratégias de elegância e flexibilidade, que fora eficazmente testada e aprovada nos bancos escolares a exemplo das cidades de Angicos/RN e São Paulo/SP, bem como, no país insular africano de São Tomé e Príncipe e, por todos os lugares que ele percorreu. Eis o tripé de sua pedagogia: Uma utopia por um mundo mais justo, ambientada na certeza de acreditar sempre no potencial dos seres humanos e calcada em uma educação libertadora, capaz de formar e transformar os seres humanos em pessoas pensantes, participativas e amorosas na busca pelo mundo ideal, pois,

O diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens. Designar o mundo, que é o ato de criação e de recriação, não é possível sem estar impregnado de amor. O amor é ao mesmo tempo o fundamento do diálogo e o próprio diálogo (FREIRE, 1980, p. 83).

É importante frisar que Freire, apesar da profundidade de sua história, nunca se desviou de seu papel de educador, um educador diferente, “conectivo”, dialético e amoroso, aliás, para ele sem o amor não seríamos capazes de modelar uma base firme e instrutiva que possibilitasse a interferência nas estruturas sociais vigentes, comprometidas por um projeto educacional mais abrangente e profundo, a qual,

Na perspectiva freireana, uma escola baseada no diálogo, em atos comunicativos dialógicos que superem a violência, o machismo, o racismo e o classismo, fundamentados na igualdade, na liberdade e nos valores éticos, é não só uma escola boa, mas também uma escola bela (FREIRE, 2021 p. 62).

Nesta perspectiva, Freire endossa que uma educação que se diga dialógica deve exigir aceitação do novo, carregada de alegria, apreensão da realidade, autonomia dos educandos, bom senso, competência profissional, consciência do inacabado, criticidade, curiosidade, esperança, estética, ética, exemplo, generosidade, humildade, liberdade, luta em defesa dos direitos dos educadores, pesquisa, querer bem aos educandos, rejeição a qualquer forma de discriminação, respeito aos saberes dos educandos, rigorosidade metodológica, riscos, saber escutar, segurança, ter disponibilidade para o diálogo, tolerância, tomada consciente de decisões e compreensão que o diálogo autêntico é o fundamento do processo de aprendizagem e de construção do conhecimento.



4. O pensamento dialógico freireano à luz da contemporaneidade

Em um mundo globalizado, regrado a inúmeras e constantes mudanças, de comunicação rápida, volume exagerado de informações e velocidade impressionante das mudanças, o pensamento dialógico de Paulo Freire tem resistido e contribuído para o favorecimento das relações inter e intrapessoais alinhados a um fazer crítico, criativo, reflexivo, íntegro e autônomo.

Para atender às exigências dessa sociedade contemporânea, torna-se preciso compreender que é no diálogo que se dá “o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo” (FREIRE, 2002, p. 93), ou seja, é por meio do diálogo entre os homens que se encontram, que se faz possível a superação da situação concreta de opressão, de coisificação dos homens.

Podemos perceber que “o diálogo como encontro dos homens para a ‘pronúncia’ do mundo, é uma condição fundamental para a sua real humanização” (FREIRE, 2003, p. 134), e desse modo, através dele endossamos que é possível resistir e nos contrapor a opressão, a dominação, a injustiça e a manipulação, viabilizando a busca pela harmonia, afeto e esperança não só entre os professores e estudantes, mas também em toda comunidade.

Neste ínterim, Paulo Freire atenta para a necessidade de se valorizar os saberes escolarizados e os não escolarizados, uma vez que todos já veem com um conhecimento de mundo já formulado, e assim, contribuir veementemente para romper com os estereótipos de superioridade e antidialogicidade, superando-as a partir de uma relação humana, dialógica e democrática, uma vez que:

A construção de relações dialógicas sob os fundamentos da ética universal dos seres humanos, enquanto prática específica humana implica a conscientização dos seres humanos, para que possam de fato inserir-se no processo histórico como sujeitos fazedores de sua própria história (FREIRE, 2008, p.10).

É neste aspecto que Paulo Freire atenta para que possamos combater as ações de natureza antidialógica, antiopressora e antidominadora, vistas como ações extremamente desumanas, cabendo ao processo dialógico superar as relações de opressor-oprimido como forma de transformação do mundo contemporâneo, afinal: “só torna viável o homem novo pela superação da contradição entre opressor-oprimido, que significa a libertação de todos” (Ibid., 2008, p. 19), capaz, inclusive, de regenerar as injustiças sociais, atrelando-as a um diálogo que prime na busca incessante pela real democratização, humanização e esperança.



Para o educador do século, o ser humano dialógico deve refazer-se e tornar-se ético para uma verdadeira dialogicidade, onde os sonhos, as utopias e os interesses comuns possam conjugar-se na efetivação de uma coletividade justa e igualitária, calcada em um diálogo que prime constantemente na busca pela esperança como forma de união humana e na fé nos homens.

Em virtude do exposto, é perceptível que a fé nos homens é um dado *a priori* do diálogo, pois “não há também, diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direitos dos homens” (FREIRE, 2002, p. 42). Nesta perspectiva, Freire nos ensina que sem a fé nos homens, o diálogo é uma farsa, e esta farsa, só esta devidamente subtraída, se o ser humano for capaz de fundar-se no amor, na humildade e na própria fé nos/dos homens, encontrando assim, a boniteza que há nela como viabilidade do verdadeiro diálogo.

Considerações Finais

Neste estudo o objetivo foi analisar os postulados da pedagogia freireana tendo como foco os princípios da ação dialógica como fator de resistência educacional libertadora na contemporaneidade. Para este fim, revisitamos as obras do educador e atual Patrono da Educação Brasileira ‘Paulo Freire’, constituída por pilares enviesados por saberes significativos, transformadores, humanizados, autônomos e emancipatórios.

Esse panorama mostra que o diálogo freireano culmina numa aprendizagem em que seja possibilitada a troca de saberes, a confiança entre os seres, a humildade entre as pessoas e principalmente na construção e reconstrução do conhecimento para com a ação comunicativa exercida entre o EU e o(s) outro(s).

Para o Educador do Século, nos ambientes formais e informais de aprendizagem é preciso dialogar sobre a própria vida, transformando esses ambientes em um clima libertário, em que seja possível imperar o respeito à história de vida dos alunos e seus saberes enquanto condição indispensável para a relação de ensino-aprendizagem.

A pesquisa reforçou que seus pressupostos pedagógicos nos levam a uma conscientização mais eficaz e libertadora nos âmbitos sociais, culturais e educacionais. Bem



como, demonstrou ser necessário reconhecer que somos seres inacabados e incompletos, e desse modo, precisamos lutar por uma sociedade menos perversa, menos discriminatória, menos racista e menos machista e que atenda as necessidades dos menos favorecidos, eis a essência primordial da dialética freireana.

Outrossim, atentamos que os dados analisados estão longe de contemplar todas as necessidades que a discussão sobre a pedagogia em Freire no âmbito dos preceitos da dialogicidade requerem, tornando-se preciso a continuidade desse estudo por outros estudiosos, o qual será de fundamental importância trazer novos apontamentos que enriqueça a produção científica com esta temática.

Por fim, concluímos que Paulo Freire retrata também um olhar sobre nós mesmos como educadores, ensinando-nos a ansiar por um mundo mais diferente, mais bonito. Um educador que nos ensina que a educação deve ser decisiva para (trans)formação da consciência dos seres humanos e que embalam nos braços a esperança de uma escola inclusiva, igualitária, responsável e libertadora.

Ainda em vida, Paulo Freire foi um dos professores mais evidentes nas instituições as quais ministrou aulas, a exemplo da Universidade de Harvard, Universidade de Genebra, Universidade Estadual de Campinas e, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Além disso, foi outorgado o título de *Doutor Honoris Causa* em 27 universidades internacionais, as quais foram capazes de reconhecer em Freire que, para o processo de ensino e aprendizagem ocorra com primazia é preciso saber escutar e ter principalmente disponibilidade para um eficaz e necessário diálogo.

Referências

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Boniteza**: a palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo; GADOTTI, Moacir; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia**: diálogo e conflito. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização, teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.



FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GADOTTI, Moacir. Aprender, ensinar: Um olhar sobre Paulo Freire. **AbcEducatio**. v.3, n. 14, p. 16-22, 2002.

HABERMAS, Jürgen. A reply. In: HONNETH, A.; JOAS, H. (Eds.). **Communicative action: essays on Jürgen Habermas s the theory of communicative action**. Trans. J. Gaines and D.L. Jones. Cambridge, Mass.: MIT PRESS, 1991. [Reprinted in On the pragmatics of communicative] (ed. by Maeve Cooke), Cambridge, Mass.: MIT PRESS, 1998.

PAGNI, Pedro; SILVA, José D. (orgs.). **Introdução à Filosofia da Educação**: temas contemporâneos e história. São Paulo: Avercamp, 2007.